

PROJECTO “TERRAS QUENTES”
(Evolução crono-cultural do Concelho de Macedo de Cavaleiros)

Estação de Arte Rupestre do Cabeço da Anta

Freguesia de Salselas, Concelho de Macedo de Cavaleiros

Campanha 1/2003 – CNS 17281

Carlos Alberto Santos Mendes¹

Resumo

Contrariamente ao indicado na bibliografia existente a que se refere a este arqueosítio, mau grado a prospecção sistemática efectuada ao local, não foi encontrado quaisquer vestígios da existência de um monumento megalítico. Todavia foram encontrados, deslocados, vários blocos gravados com insculpturas filiformes com temática homogénea, com figurações bélicas atribuíveis à idade do Bronze final, com técnica de gravação por incisão abrasiva. Nas campanhas de 2003 e 2004 foram escavadas, “in situ”, 5 rochas em afloramento, permitindo, assim, certificarem a origem do sítio onde foram efectuadas as gravações.

Palavras-chave: Gravuras, Filiformes, Arte rupestre, Periodização, Técnicas de gravação, Análogos.

Abstract

As opposing to what is indicated in the existing bibliographic to which refers to this archaeologist place, although the systematic prospecting done in the site it was not found any evidence of a megalithic monument. Nevertheless it was found, displaced, several engraved blocks with carving filiforms with homogeneous thematic, with warlike figurations attributable to the final Bronze Age, with engraving technique by abrasive incision. In 2003 and 2004 campaigns, were excavated “in situ” 5 levelling rocks, allowing certifying the origin of the place where the engraving was done.

Key words: Engraving, Filiform, Rupestral art, Period, Engraving techniques, Analogous.

(1)

Mestre em História Regional e Local e Licenciado em História Variante de Arqueologia pela F.L.U.L. e responsável pelo projecto Terras Quentes, e Presidente da Associação Terras Quentes. Rua Luciano de Castro Lote 102 2815-014 Charneca da Caparica cmendes@mail.telepac.pt

INTRODUÇÃO

Na sequência da aprovação do projecto Terras Quentes pelo Instituto Português de Arqueologia e, em consonância com o programado processou-se, entre os dias 18 e 22 de Agosto de 2003, a primeira campanha de prospecção escavação no cabeço da Anta. A acção decorreu no âmbito do protocolo e anexo celebrado entre a Câmara Municipal de Macedo de Cavaleiros, o Instituto Alexandre Herculano da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, a Associação para a Defesa do Património Arqueológico do Concelho de Macedo de Cavaleiros “ Terras Quentes”, a Associação dos Amigos do Museu Rural de Salselas e as Juntas de Freguesia de Ferreira, Cortiços, Edroso, Salselas, Vale da Porca, Lamas e Amendoeira, a quem agradecemos. Participaram nos trabalhos diversos alunos da Licenciatura de Arqueologia e História da FLUL e da Escola Secundária de Macedo de Cavaleiros, assim como associados da Associação Terras Quentes e trabalhadores não especializados de arregimentação local.

LOCALIZAÇÃO

A estação de Arte Rupestre, agora descoberta, situa-se a um quilómetro pela estrada municipal da saída Norte da Freguesia de Salselas em direcção à povoação de Valdrez, num morro pouco pronunciado e de vertentes suaves, sobranceiro à ribeira de Salselas, pertencente aos Srs. Orlando Costa Escalera e João de Deus Dias. A uma altitude de 643 m, as suas coordenadas UTM são 4603354 N e 29677817 W, correspondendo a uma latitude de 41 31' 39'' N e 06° 51' 57'' na folha 64 da Carta Militar de Portugal escala 1:25.000 (fig ¹).



Fig1 localização da estação de arte rupestre do cabeço da Anta. CMP folha 64 esc.1:25.000

Tanto pelos registos bibliográficos disponíveis “ Memórias arqueológico-históricas do Distrito de Bragança: arqueologia, etnografia e arte” [Alves, 1934], “O leste do Território Bracarense” [Neto,1975], assim como do que verte do trabalho de relocalização efectuado pela extensão do Instituto Português de Arqueologia de Macedo de Cavaleiros, a suspeição da valorização do sítio prendia-se com a possível existência no local de um monumento megalítico o qual, após a prospecção parcial que foi feita ao local, não foi possível confirmar.

Todavia foram descobertas pelo autor, no verão de 2001, duas rochas de xisto “in situ” com gravuras filiformes e, no Outono do mesmo ano, uma montureira (em olival contíguo) com doze rochas gravadas, também em xisto, com a mesma técnica e repertório homogéneo.

TRABALHOS.

METODOLOGIA.

A intervenção arqueológica realizada entre 18 e 22 de Agosto de 2003, teve como objectivo uma prospecção sistemática ao local assim como a escavação das duas rochas na

expectativa que as mesmas fizessem parte de afloramentos, o que se veio a confirmar.

Foi adoptado, nesta intervenção arqueológica, um método de registo de acordo com os preceitos definidos por Edward C. Harris [Harris, 1991]. Como tal escavou-se de forma a proporcionar esse mesmo registo, ou seja, por unidades estratigráficas (UE), a unidade básica de registo. São consideradas UEs as realidades que, aquando da escavação ou posteriormente, forem consideradas como realidades diferenciáveis. Entre estas contam-se depósitos (camadas naturais, de sedimento), estruturas (negativas ou positivas), derrubes interfaces.

Apesar de inicialmente se ter privilegiado o registo gráfico de cada realidade de modo diferenciado, durante a intervenção, por questões de rentabilização de tempo e, por vezes, para facilitar a melhor percepção da realidade, efectuaram-se desenhos compostos.

Todas as realidades diferenciadas (as Ues) foram alvo de um registo fotográfico que acompanhou as diversas fases da sua afectação pelas intervenções arqueológicas.

Postos perante a pretensão do proprietário do terreno, onde se encontrava a montureira, de querer

remover as rochas a fim de limpar o olival, procedeu-se, com a ajuda de maquinaria da Câmara Municipal de Macedo de Cavaleiros, à remoção dos blocos gravados para local seguro, tendo, sido localizadas (fora de sítio e recolhidas) 58 rochas gravadas, às quais se fizeram desenhos e o necessário registo fotográfico.

Os trabalhos de fotografia e decalque foram efectuados durante a noite sob luz artificial rasante, as rochas “*in situ*” cobertas com plástico polivinílico transparente o que permitiu maior acuidade na detecção das gravuras, sobretudo no caso daquelas que são constituídas por traços filiformes.

Em gabinete, os decalques foram transpostos para papel vegetal de 110 grs., sendo utilizada a seguinte simbologia: gravuras filiformes em caneta preta uni-baal 0,3 e 0,5 mm, (enchendo sempre o traço do decalque) outras gravuras; em caneta preta uni-baal a partir de 0,8 mm a cheio, os limites dos painéis decorados, em linha grossa preta a cheio a partir de 1,2mm; a dobragem das esquinas, a tracejado vermelho; estalamentos e/ou esboroamentos a azul fino; marcas nas rochas, a vermelho cheio a cobrir os limites, as diferenças pendentes expressas em cor verde.

As rochas gravadas e recuperadas para gabinete, foram limpas a ar comprimido moderado, tendo-se criado condições de iluminação artificial, próximas do trabalho de campo.

Posteriormente, todos os desenhos foram fotografados e transpostos para slides de alta resolução e depois, para suporte informático, digitalizando-os.

Foram abertos dois sectores (“A” e “B”) de escavação em malha, com um metro de lado, formando quadrados de 2 metros de lado, implantando-se o referencial orientado segundo o Norte Magnético.

Após a escavação foram, os sectores A e B, protegidos com manta geotêxtil de 120grs/m² e cobertas com terras de crivo.

INTERPRETAÇÃO PRELIMINAR

Foram descobertas no sítio denominado Cabeço da Anta, freguesia de Salselas, no verão de 2001, pelo autor, duas rochas de xisto “*in situ*” com gravuras filiformes. No Outono do mesmo ano, acompanhado pela sua mulher, Maria Belmira, esta, localizou, numa montureira localizada no meio de um olival, doze rochas com a mesma técnica de gravação e repertório homogéneo.

A intervenção arqueológica, realizada entre 18 e 22 de Agosto de 2003, teve como objectivo uma prospecção ao

local assim como a escavação das duas rochas decoradas, na expectativa que as mesmas fizessem parte de afloramentos, o que se veio a confirmar.

João de Deus Dias, proprietário do olival onde se encontrava a montureira, tinha manifestado o interesse em retirar o amontoado das pedras afim de definir extremas com Orlando Costa Escaleira. Nesse sentido e na iminência do desaparecimento das pedras, solicitei à Câmara Municipal de Macedo de Cavaleiros equipamento e mão-de-obra necessárias para se retirarem os blocos com gravações, não sem antes ter efectuado o seu registo por desenho e fotografia, procedendo-se depois à evacuação, para local seguro, e apropriado de cerca de cinco dezenas de blocos pétreos de várias dimensões e com gravações.

Durante os trabalhos de escavação, compareceu no local o Dr. Mário Reis, da extensão do IPA de Macedo de Cavaleiros, que foi posto a par do decorrer dos trabalhos. Levado aos locais onde se encontravam os blocos com gravações, confirmou o interesse do achado.

Arte (Rupestre)?

De todas as manifestações do género humano a que mais nos diferencia de outro ser vivo é aquilo a que se convencionou chamar Arte. È na arte

que expressamos a nossa capacidade de pensar de imaginar de nos abstrair e, também, de criar de nos interrogar e explicar. Para alguns autores será através das figuras gravadas ou pintadas nas rochas (sejam de que época forem), que teremos a oportunidade de penetrar no mundo do intelecto do homem do passado.

Mas chamar “artístico” a um objecto é uma convenção, assim, em que limites estamos dispostos a utilizar tal convenção? Há condições para estabelecer alguma objectividade – objectividade não significa “verdade”, significa um conjunto de regras de partilha na formulação e validação de conhecimentos – na análise, descrição e interpretação de tais produções” [JORGE;2003:255]

Mas fugindo das convenções, atente-se na explicação de funcionamento do cérebro triúnico e do seu neocórtex, “mãe da invenção e pai da abstracção”, sendo a sede das aptidões analíticas e lógicas, estratégicas que permitem ao homem abrir-se para o mundo físico e social que o rodeia e analisá-lo na multiplicidade dos seus pormenores e na diversidade dos seus esquemas de organização”. [MORIN;1996:90].

André Leroi-Gourhan explica de outra maneira “ a formação de dois conjuntos funcionais (mão-utensílio e

rosto linguagem), fazendo intervir primeiro a motricidade da mão e da cara na transformação do pensamento em instrumento de acção material e depois em símbolos, sendo que o aparecimento do símbolo gráfico pressupõe o estabelecimento de relações novas entre os dois pólos operacionais, relações essas exclusivamente características da humanidade, no sentido restrito do termo, isto é, como reflexo de um pensamento simbolizador na medida em que nós o possuímos... temos agora a certeza de que o grafismo começa não por uma representação inocente do real, mas sim do abstracto, correspondendo o abstracto a uma adaptação progressiva do dispositivo motor de expressão a solicitações cerebrais cada vez mais precisas” [LEROI-GOURHAN;1990:189-191].

Se a reflexão de Vítor Oliveira Jorge nos remete para a nossa permanente incapacidade de entendermos o verdadeiro significado do que levou e o que se pretendeu ao gravar uma simples linha, uma figura geométrica, ou figurativa numa rocha, a abordagem ao estado do intelecto do indivíduo que assim se expressou já nos parece mais exequível. Rodolfo Kock, dá-nos algumas chaves: Linhas verticais ou horizontais movendo-se juntas ou independentes não realizando coisa

alguma, emergindo do nada e para o nada regressando, poderão representar um estado intelectual passivo. Já, se essas linhas se mostrarem na vertical, estaremos perante um intelecto activo. Somente um intelecto criativo encerra um determinado espaço, criando uma figura definida, tornando um objecto real, como por exemplo, um triângulo, mas quando o intelecto é desordenado, a figura dissolve-se – uma vez mais as linhas retornam ao vazio, cortando-se umas às outras numa destruição total. [KOCK:1999:12]

Periodização

A cronologia, mesmo relativa, a que supomos poderem situar-se as insculpturas mais antigas do Cabeço da Anta de Salselas “ Calcolítico/Bronze” é, justamente, o período menos estudado da arte rupestre em estações ao ar livre. Por outro lado, devido á enorme quantidade de petróglifos encontrados, não houve tempo suficiente para análise e reflexão globalizante sobre o espólio.

Estamos perante duas situações de recolha diferentes, uma (a maior parte dela) efectuada numa montureira criada há cerca de 50 anos, onde encontrámos blocos (com painéis gravados) de variados tamanhos, que vão das poucas dezenas de quilos até às 8/9 toneladas, alguns deles mostrando uma boa

patinagem dos sulcos gravados, mas outros, por estarem soterrados, encontram-se sem patine aparente.

Os blocos escavados e “*in situ*” para além de nos certificarem o local original de gravação, mostram idêntico fenómeno, isto é, a pouca superfície que está imersa encontra-se com patine forte, sendo que a parte da rocha que está submersa (mas com gravações) está desprovida de patine, apresentando-se ainda fresca, com sulcos de cor mais clara contrastando fortemente com as gravuras patinadas.

O que nos leva, numa primeira análise, à proposta de periodização das gravuras é não só a sua homogeneidade temática, como também o aparecimento de figuração bélicas, supostamente atribuíveis à Idade do Bronze nomeadamente, Alabardas, Laminas, Arcos e Flechas visíveis nos blocos 1000 e 1002 (*in situ*) bem como em outros recolhidos, caso do bloco 1002 (pertencente a um conjunto de rochas que se encontravam dispersas pelo terreno) bloco 4, 16 etc.

Técnicas de gravação.

Numa primeira abordagem infere-se que, as técnicas de gravação utilizadas na maioria dos casos foi a de incisão, técnica conseguida a partir da repetição do gesto (fricção) com recurso a um instrumento resistente e

pontiagudo. Encontram-se, também, alguns traços feitos por abrasão, (forma de regularização de um sulco preexistente), provocados pelo desgaste da superfície rochosa por atrito. Não existem sinais de aplicação da técnica de gravação por picotagem, ou seja, traços obtidos por percussão directa ou indirecta definindo linhas.

Sobreposições

Estamos perante, em alguns casos, situações de sobreposição de gravações que ocorreram, eventualmente, em distintos períodos cronológicos, mas em caso algum nos parece situações de palimpsesto, estando por fazer a análise da sobreposição dos traços a fim de ordenar a sua execução.

Metodologia do trabalho efectuado

A prospecção efectuada permitiu-nos ainda referenciar mais quatro rochas decoradas perto das outras duas que foram escavadas, faltando contudo, (por falta de meios de desmatação, em tempo útil), fazer a prospecção a mais de 70% do Cabeço da Anta. Só após esse trabalho teremos o reconhecimento dimensional da estação. Uma das áreas de estudo a privilegiar será a análise da implantação dos painéis na paisagem bem como a variabilidade do seu conteúdo figurativo em função dos padrões de localização.

Este método de trabalho tem sido seguido no estudo da arte do Côa, parecendo-nos que o caso do Cabeço da Anta se encaixa numa das tipologias de implantação detectadas; “ *há figuras de pequena dimensão geralmente filiformes, dispersas, sem ordem aparente, pelas encostas, «decorando» de modo quase indiscriminado os diversos afloramentos nelas existentes; o seu tamanho e posicionamento sugerem uma relação com comportamentos menos «públicos» do que os testemunhados pelas duas categorias anteriores*”[ZILHÃO;1998:27]

O transporte, para lugar seguro, dos blocos que se encontravam na montureira, deu-se em momento anterior ao período de escavações não havendo, nessa altura, tempo para qualquer análise. Somente com a captação de recursos humanos, em período de escavação, foi possível proceder com mais minúcia, ao reconhecimento das figurações nelas existentes.

Os dois blocos que se encontravam cobertos por aluviões recentes, foram postos a descoberto através de cuidada escavação manual de modo a não danificar qualquer gravura havendo, como resultado, a certificação do local de gravação, visto tratarem-se de dois

blocos que fazem parte de uma crista de afloramento, não havendo qualquer vestígio material nem antracológico ou outro a registar, resultante da intervenção efectuada nas quadrículas dos sectores A e B.

O registo das gravuras foi efectuado em dois momentos. As “in situ” foi efectuado durante a noite, com luz artificial rasante, o que permitiu uma maior acuidade na detecção das mesmas, e por fotografia digital sendo que, a reprodução das gravuras (em tamanho e forma dos originais) e dos principais acidentes dos seus suportes foi efectuada primeiramente em plástico de cristal polivinílico, já em gabinete, esses decalques foram passados para papel vegetal de 110 grs e posteriormente digitalizados permitindo, através dos meios informáticos, ter acesso a uma visualização de maior pormenor.

Um outro momento, teve a ver com as condições de registo efectuado aos blocos que entretanto tinham sido recolhidos. Os procedimentos técnicos foram iguais, diferenciando-se o momento de decalque, pois foi possível fazer o trabalho durante o dia criando, artificialmente, as mesmas condições de captação de registo nocturno.

As rochas que se encontram em gabinete, foram limpas a ar comprimido

de baixa pressão, a as “in situ” a pincel e a seco.

Análogos convenientes.

A “estação” da arte rupestre do Cabeço da Anta em Salselas parece integrar-se, em termos de temática de repertório e técnica de gravação, com outras já existentes, como por exemplo “ ao grupo Ridevides, Molelinhos, Pedra Letreira de Góis, com gravuras litotrípticas praticadas no xisto e incluindo a representação de armas (entre as quais falcatas, típicas da I. do Ferro, nas gravuras de Tondela) que deveria ser considerada, também, uma manifestação artística autónoma adentro das gravuras-portuguesas; [JORGE;1987:275], mas sobretudo com as gravuras de Maria de Jesus Sanches, da Fraga do Diabo, abrigos 1 e 3, painel 2; Abrigo 2 de Vale de Espinheiros; Aguçadeiras, abrigo 1, painel 2 [Sanches;1992 pp, 42-46], se bem que, na sua generalidade, estas gravuras tenham sido encontradas em ambiente de palas de grutas. Refere esta autora, que estas estações rupestres de abrigo e ar livre (Rebolhão, freguesia de S. Martinho de Angueira, Fraga das Cruzes, lugar de Sampaio, freguesia de Azinhoso e Fraga da Fonte da Rodela, freguesia de Meirinhos) se situam em vales abrigados de afluentes ou subafluentes dos rios Douro e Sabor,

quase sempre muito próximos às linhas de água [SANCHES;1992:41], como se verifica no caso da estação do Cabeço da Anta, que se situa muito próxima à ribeira de Salselas.

Em nota (18) [SANCHES, 1992: 42], às gravuras da Fonte da Rodela descreve assim o que esta autora pensa sobre arte abstracta... “ *usamos aqui a classificação proposta por J. Abélanet; 1986, em signes sans paroles – Cen Siècles d’arte pp89 e 90, afirma este.. as designações de arte naturalista, subnaturalistas, semi-esquemáticas, esquemáticas e abstractas prestam-se a inúmeras confusões, estas confusões advém do facto de, entre estas noções, se interpor, em termos formais, uma distinção gradativa por vezes muito ténue. Segundo Abélanet, a arte naturalista pretende reproduzir em duas , a realidade observada e é naturalmente subjectiva pois implica uma particular interpretação dessa mesma realidade; na arte subnaturalista ou semi-naturalista, desenham-se linhas gerais dum objecto sem atender aos detalhes particulares; a arte semi-esquemática mostra «silhuetas estilizadas, voluntariamente desprovidas do acessório» mas evidencia ainda ligações com os respectivos objectos reais. O esquematismo (ou arte esquemática)*

corresponde a uma elaboração intelectual pois já não se pretende descrever o objecto, mas evocá-lo com um mínimo de meios. Finalmente a arte tornar-se-á abstracta quando «negligencia totalmente a realidade». «Evolui no mundo hermético dos símbolos elementares e convencionais» e o seu significado não é perceptível senão para aqueles que o conhecem de antemão. Nesta acepção podemos situar a arte abSTRACTA já no limiar da escrita simbólica ou ideográfica, mais intensa e sintética que a escrita alfabética.”

Também o painel 1 da Estação de arte rupestre de Molelinhos na descrição feita por Ana Leite da Cunha, “grande parte das gravuras são só riscos, aparentemente feitos ao acaso e que se espalham por toda a superfície, embora haja zonas de maior concentração. Assim, numa destas zonas há um belo conjunto de armas executadas com esta técnica [incisão e abrasão (gravuras filiformes)], sendo uma delas provavelmente, um punhal de antenas. Há ainda um razoável número de lanças, algumas laminas afalcoadas, foices, punhais, motivos em ziguezague, ramiformes, reticulados, etc., também executados por incisão” .[CUNHA; 1991:253,254].

As figurações, até ao momento, descortinadas nas gravações dos blocos

do Cabeço da Anta, são várias laminas de punhais, dois arcos apetrechados com flecha e laminas de alabardas encabadas e não encabadas, estas, com grande insistência na temática, arma predominantemente em cobre com nervura central e extremidade distal de forma triangular, normalmente apresentando 3 orifícios para rebitagem com o cabo. [PRIEGO RUIZ-GÁLVEZ:1998:365] São típicas do noroeste da Península, definidas por Schubart, a partir dos exemplares descoberto em Carrapatos (concelho de Macedo de Cavaleiros, cerca de 10 Km de Salselas).

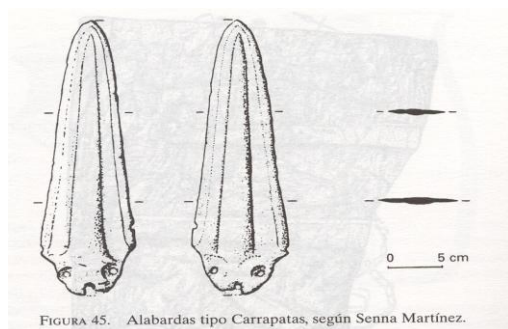


FIGURA 45. Alabardas tipo Carrapatos, según Senna Martínez.

(Priego Ruiz-Gálves : 1998:166)

Estas armas, típicas da Idade do Bronze, apresentam-se no horizonte das Alabardas Atlânticas Peninsulares, com grande incidência na região de Macedo de Cavaleiros; 2 exemplares em Carrapatos; 4 exemplares em Vale Benfeito, 2 exemplares em Abreiro, já Concelho de Mirandela, outro exemplar em Vimioso, Alto das Pereiras e habitat das Baútas, esta na região de Lisboa.

Outros exemplares foram descobertos em Espanha, considerados no mesmo horizonte, casos de El Arribanzo, Gerona, Laderón, Peñalosa, Cerro Benzalá e Manzanares [SENNA-MARTINEZ:1994:163-165]. Isto é, dos 17 exemplares conhecidos temos que, 41,2% se situam no concelho de Macedo de Cavaleiros.

Por estas razões, vai fazendo sentido, por omissão ou desconhecimento, em todas os análogos de sítios com gravuras estudadas nunca ter aparecido figurações de alabarda “tipo Carrapatos”, na sua temática.

É transversal nas reflexões que Marisa Ruiz-Galvez Priego faz em torno da Idade do Bronze Peninsular, e aos fâcies culturais estudados, (El Argar, Bronze Valenciano, Cultura de las Motillas, Baixo Guadalquivir, Bronze de Campiña, Bronze do Sudoeste, Meseta e início Cogotas I, áreas Atlântica e Noroeste), a existência, clara, na Península durante o final do III , todo o II como o primeiro quartel do primeiro milénio cal a. C, de duas etapas diferenciáveis, uma Primeira Idade do Bronze que surge nos substratos Calcolíticos de maior ou menor duração, segundo as diversas áreas e uma Segunda Idade do Bronze ou Bronze Final, hoje entendida, tal como as restantes etapas da Pré-História

Recente Peninsular, na pluralidade das suas expressões regionais [Senna-Martinez:2002.]

É dentro da Primeira Idade do Bronze que se localiza a emergência de uma

expressão simbólica das armas (alabardas, punhais, machados, espadas etc.) numa temática marcadamente andriarcal que substitui a temática feminina “Deusa Mãe” Neolítica.

LISTA DE PARTICIPANTE NA CAMPANHA

Carlos Alberto Santos Mendes	Lic em História Variante de Arqueologia
Marcelo Flores	Lic em História Variante de Arqueologia
Sandra Cristina Pereira	Lic em História Variante de Arqueologia
Helder Carvalho	Lic em História Variante de Arqueologia
Manuel de Sousa Cardoso	Lic em Medicina Veterinária ATQ
António Cravo	Lic em Sociologia ATQ
Maria Belmira Mendes	Associação Terras Quentes
Miguel Lage Correia	4º ano Lic Arqueologia e História da FLUL
Paulo Dias	4º ano Lic Arqueologia e História
Nídia Santos	4º ano Lic Arqueologia e História
Maria Eugénia Feliz	3º Ano Lic Arqueologia e História
Manuel Portocarrero Cardoso	9º ano da Esc. Sec. de Macedo de Cavaleiros
Igor Alexandre Martins	9º Ano da Esc, Sec. de Macedo de Cavaleiros
Vicente Portocarrero Cardoso	11º Ano Esc. Sec. de Macedo de Cavaleiros
Pedro Manuel Sarmento	Arregimentação local
Bruno Miguel Neiva	Arregimentação local

ELEMENTOS GRÁFICOS

Fotos



(Aspecto da remoção das rochas gravadas da montureira)



(Aspecto da montureira, após desmatagem, desenho e fotografia)



(Armazém onde se encontram armazenadas as rochas recolhidas)



(Rocha do sector “B”, antes de ser intervencionada)



(Rocha, sector “B”, após intervenção)



(Rocha sector “A”, após intervenção)



(Rocha sector “A” antes da intervenção)



(Aspecto da escavação da rocha do sector “B”)



(Aspecto do trabalho de decalque das gravuras da rocha sector "A" "in situ" efectuado à noite)



(Aspecto de trabalho em gabinete – passagem para vegetal dos decalques das gravuras)



(Aspecto do decalque da rocha do sector "B" "in situ" efectuado à noite)



(Aspecto do trabalho em gabinete, passagem para vegetal dos decalques das gravuras)

Bibliografia

CUNHA, Ana Leite da

Estação de arte rupestre de Molelinhos: notícia preliminar, Actas das IV Jornadas Arqueológicas 17, 18 e 19 de Maio de 1990, Associação dos Arqueólogos, Lisboa, 1991

JORGE, Susana Oliveira Jorge

O Bronze final no Norte de Portugal: Uma história em discussão, in O 1º Milénio a C. No Noroeste Peninsular a Fachada Atlântica e o Interior, Actas do Colóquio realizado em Bragança nos dias 24 e 25 de Novembro de 1995, Parque Natural de Montesinho, Bragança, 1997, pp 13-22

JORGE, Vítor Oliveira

Olhar o Mundo como arqueólogo, Quarteto Editora, Coimbra, 2003, pp 255-264

JORGE, Vítor Oliveira

Projectar o Passado – Ensaio sobre arqueologia e Pré-História, Editorial Presença, Lisboa, 1987.

KOCK, Rudolf

O livro dos símbolos, 2ª edição, Livros de vida, Editores, Lda., Mem Martins, 1999.

LEMOS, Francisco de Sande

Foz Côa: achegas para um debate indispensável, Revista Al-Madan, II série nº 4, Centro de Arqueologia de Almada, Almada 1995, pp 101-108

LEROI-GOURHAN, André

O gesto e a palavra, 1-técnica e linguagem, Edições 70, Lisboa, 1990.

MARTINEZ-SENNA, J.C. de

Subsídios para o estudo do Bronze Pleno na Estremadura Atlântica: a alabarda de tipo “Atlântico” do habitat das Baútas (Amadora) , in Zephyrus, XLVI pp. 161-182

MARTINEZ-SENNA, J.C. de

Aspectos e Problemas da Investigação da Idade do Bronze em Portugal na segunda metade do Século XX, , in Arqueologia 2000 Balanço de um Século de Investigação Arqueológica em Portugal, Arqueologia & História, Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses, Volume, 54, Lisboa 2002.

MORIN, Edgar

O método III, O conhecimento do Conhecimento/1, 2ª edição, Publicações Europa-América, Mem Martins, 1996

PRIEGO Gálves-Ruiz, Marisa

La Europa Atlántica en la Edad del Bronce, un viaje a las raíces de la Europa Occidental, Crítica/arqueología, Madrid, 1998

PRIEGO, Gálves-Ruiz, Marisa

Reflexions Terminologicas en torno a la Edad del Bronce Peninsular, Trabalhos de Pré-história, Vol. 41, Madrid, 1984, pp 73-91

RAPOSO, Luís

Crónica de uma “Estação da Patetice” anormalmente longa, Revista Al-Madan, II série, nº 10, Centro de Arqueologia de Almada, Almada, 2001 , pp. 70-79

SANCHES, Maria de Jesus

Pré-História Recente no Planalto Mirandês (Leste de Trás-os-Montes), Monografias arqueológicas 3 , Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto, Porto, 1992

SILVA, Celso Tavares da

Gravuras Rupestres inéditas da Beira-Alta, actas das III Jornadas Arqueológicas, 1977 Volume I, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, 1978

ZILHÃO, João (coordenação)

Arte Rupestre e Pré-História do Vale do Côa, trabalhos de 1995-1996 (relatório Científico ao Governo da República Portuguesa elaborado nos termos da resolução do Conselho de Ministros nº 4/96 de 17 de Janeiro, 2ª Edição, Ministério da Cultura, Lisboa, 1997

DOCUMENTOS ELECTRÓNICOS

BATISTA, António Martinho

Novas descobertas de arte paleolítica de ar livre no Alto Sabor (Trás-os-Montes),

Disponível em: www.ipa.min-cultura.pt/news/2001/plaeosabor

Instituto Português de Arqueologia

Pedra Escrita de Redevides

Disponível em: www.ipa.min-cultura.pt (base de dados)

SANCHES, Maria de Jesus

Estudo, Preservação e Musealização da Arte Rupestre de Pegarinhos – Alijó, Conjunto 1 da Botelhinha,

Disponível em: www.min-cultura.ipa.pt (base de dados)

ÍNDICE

Introdução	1
Localizaçãop do Cabeço da Anta	1
Trabalhos e metodologias	2
Interpretação preliminar	4
Arte Rupestre?	5
Periodização	6
Técnicas de gravação	7
Sobreposições	7
Metodologia utilizada nos trabalhos efectuados	7
Análogos convenientes	8
Lista de participantes na campanha	11
Elementos gráficos – fotos	12
Bibliografia	15